



A experiência do espetáculo Menina Negra sob a ótica de um docente/aprendiz

Bruno Alves da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho é um relato de criação da primeira experiência do autor, enquanto artista/docente da Rede Municipal de Educação da cidade de Porto de Pedras no interior de Alagoas, no qual discorre sobre a formação de um grupo de teatro na escola e sua jornada de construção de um espetáculo, tendo conteúdos autobiográficos e o processo colaborativo como instrumentos para a criação.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Educação. Autobiografias. Processo Colaborativo. Teatro. Artista/docente.

Há dias em que chove poesia.

Dias em que pinga.

Dias em que não.

(Sidney Wanderley)

¹ É ator e dramaturgo. Graduado em Teatro Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, mestrando em Artes pelo Programa Prof-Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB e artista/docente em Artes Cênicas da Rede Municipal de Maceió - AL e de Artes em Porto de Pedras - AL.

PRÓLOGO

Em 2019, quase dois anos depois de ter me graduado em Teatro Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, tive a oportunidade de retornar para a escola pública, lugar de onde vim e vivi durante toda minha formação escolar. Retornava agora como artista/docente da disciplina de Artes na Rede Municipal de Educação da cidade de Porto de Pedras, no interior e litoral norte de Alagoas.

Faço a escolha de usar o termo artista/docente por trazer como referência Isabel Marques que nos lembra que:

Cunhei o termo artista/docente em minha pesquisa de doutorado defendida em 1996, na Faculdade de Educação da USP, entendendo que “o artista/docente é aquele que, não abandonando suas possibilidades de criar, interpretar, dirigir também tem como função e busca explícita a educação em seu sentido mais amplo. Ou seja, abre-se a possibilidade de que processos de criação artística possam ser revistos e repensados como processos também *explicitamente educacionais*” (MARQUES, 1999), ênfase da autora. (MARQUES, 2014, p. 231).

É pensando-me como um artista/docente em processo de formação cotidiana no chão da escola e nos espaços de construção com coletivos de teatro em Alagoas, que relato minha primeira experiência no encontro com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e reflito as questões que esse encontro trouxe para a minha prática.

Entendo o processo de criação artística como um espaço em constante descoberta de possibilidades e é assim que penso os dias de encontro com estudantes na busca pela vivência da prática artística na escola, como um lugar de possibilidades em que haverá dias em que poderá chover poesia, como também haverá dias que não, como nos diz o poema de Sidney Wanderley. E todos os dias, chovendo ou não poesia, são dignos de reflexão e aceitação como parte importante da construção que se vivencia.

Durante meu primeiro ano como docente do quadro fixo da Escola Municipal Padre Alípio recebo a notícia que a escola estava passando por mudanças e não haveria turmas para que eu pudesse assumir, ficando de fora da sala de aula e disponível para prestar apoio nos projetos culturais da escola e nas “famosas”² datas comemorativas.

² Pontuo “famosas” entre aspas para pontuar um possível conflito existente, devido ao link direto que muitas escolas fazem ao atribuírem ou acharem ser responsabilidade dos professores de Artes as datas comemorativas.

Nesse relato não irei aprofundar a questão das datas comemorativas a que muitos professores de Arte são tidos como possíveis responsáveis por algumas escolas. Irei direcionar este relato a uma experiência específica de criação artística que nada tem de relação com datas comemorativas.

Propus a direção da escola a criação de um grupo de teatro como atividade extracurricular em horário oposto aos das aulas dos futuros e futuras participantes. O grupo se encontraria semanalmente durante seis meses e trabalharíamos a construção de um espetáculo a partir da experiência vivida em sala de ensaio e de suas experiências de vida. A direção recebeu a proposta com entusiasmo e deu seu apoio, no entanto, não haveria sala para os encontros mesmo no horário oposto das aulas, pois a escola estaria com todas as salas ocupadas e o pátio não apresentava uma estrutura de piso e cobertura com proteção para dias de sol e de chuva, ficando impossível realizar as atividades nele. A biblioteca da cidade tornou-se a opção para a realização dos encontros.

Mas para começar era preciso despertar nos educandos e educandas o interesse pela atividade proposta. Com isso espalhei pela escola cartazes convidando para fazer parte da seleção do grupo, fui de sala em sala convidar e disse que as pessoas interessadas deveriam procurar uma ficha de inscrição na secretaria da escola e que as fichas serviriam para a seleção das vinte vagas disponibilizadas.

Durante quinze dias do mês de fevereiro de 2019 recebi as inscrições. Ao todo foram sessenta e quatro fichas preenchidas com respostas a perguntas como: Você já fez teatro? Por que você quer fazer teatro?

Os interesses pela vivência eram os mais diversos. Selecionar vinte pessoas dentre as sessenta e quatro inscrições de educandos do 6º ao 9º ano não se tornou uma tarefa fácil. Li todas as fichas. Fui até as salas perguntar o nome das pessoas e poder relacionar suas imagens as respostas que encontrava nas fichas e seguia observando esses educandos durante esse processo de seleção. Ao final, selecionei trinta pessoas, usando como principal critério a mistura de idades e turmas, tendo no mínimo uma pessoa de cada turma da escola no futuro grupo de teatro.

Os encontros iniciaram no dia 18 de março, na Biblioteca Municipal Aurélio Buarque de Holanda, sendo as tardes de segunda-feira nosso dia fixo de encontro. Ali, naquele salão, iniciamos um processo de descoberta e aprendizado mútuo que mexeria comigo pelos meses e práticas seguintes.

PRIMEIRA CENA – Que corpo somos?

Durante o mês de março e abril dedicamos nossas tardes a nos conhecermos através de diálogos, exercícios corporais e jogos teatrais.

Mesmo falando desde o início sobre a proposta de descobrirmos nos encontros que história iríamos contar, era comum ao longo de todos os encontros desse período perguntas como: Que peça estávamos ensaiando? Onde estaria o texto? Que personagens cada um iria fazer? Haveria cenas de comédia? Aprenderiam a chorar como nas novelas? Haveria cenas de beijo?

O entendimento que haveria um texto pronto, que cada pessoa teria um personagem daquele texto para decorar e que haveria uma direção que indicaria o que deveriam fazer, era visível em cada pergunta e conversa, no entanto, resolvi optar por um processo de construção colaborativo, que segundo Adélia Nicolete [2005, pág.43]:

(...) é, fundamentalmente, uma experiência de grupo. Superou-se o reinado do autor do texto. O foco no trabalho do ator foi ampliado, e o encenador soberano cedeu espaço ao coordenador do processo. Busca-se agora, como na criação coletiva, um espaço de igualdade que garanta a todos envolvidos terem suas ideias expostas, debatidas e dirigidas à produção da obra. O quanto cada um vai colaborar depende de sua experiência, seu conhecimento, seu desejo.

Processo este que tento trazer das minhas vivências como ator e dramaturgo no Coletivo Volante de Teatro ³ e que faz parte da minha formação como artista, logo gostaria de compartilhar desse processo dentro da escola e ver como se daria a horizontalização das funções e como as pessoas envolvidas no processo iriam se colocando e trazendo suas referências e contribuições e até mesmo como o grupo identificaria ou elegeria ali, entre eles e elas, as pessoas que assumiriam as funções.

No entanto, a imprevisibilidade e o leque de possibilidades abertas nesses primeiros meses através desse processo colaborativo, acarretaram num esvaziamento do grupo. Aos poucos alguns educandos e educandas não apareciam mais nos encontros. Aos poucos percebia também a não vontade de fazer exercícios corporais que desprendiam muito esforço ou que não entendiam para que serviriam. Em junho éramos oito educandas presentes nos encontros e assim seria até o desfecho desse processo.

³ Coletivo de Artes Cênicas que atua em Alagoas desde 2014. Possui em seu repertório os espetáculos “Volante” (2015) e “Incelença” (2017). Mais informações em coletivovolante.blogspot.com

Começava também já em mim a nascer questões a respeito da minha prática enquanto artista/docente. Será que eu estava seguindo um caminho "certo"? Ou minha prática estaria desinteressante? Será que um processo colaborativo seria adequado para a escola?

Com as oito meninas, meninas negras de 11 a 14 anos, seguimos nossa jornada em busca desse espetáculo desconhecido. Era preciso provocar nelas o discurso e a temática da peça. Quais as questões que elas queriam falar? O que inquietava o cotidiano delas? Para onde nós iríamos nesse processo? Do que vai tratar essa peça?

Ao longo das rodas de conversa começou a saltar as primeiras provocações. Dentro do grupo, as meninas de 14 anos, que faziam parte do 9º ano, apresentaram um pensamento mais amadurecido em muitas questões sociais e raciais, inclusive essas discussões estavam presentes em seus visuais. Queriam falar sobre racismo, sobre negritude, sobre ser uma adolescente negra no interior de Alagoas. Aos poucos os discursos delas envolveram e despertaram interesse nas mais novas e a partir daí começava o nosso aprofundamento na temática.

Em um dos encontros levei o filme “À Espera” (2016) de Nivaldo Vasconcelos⁴ e Sónia André, que discute e retrata a realidade de 39% de meninas de Moçambique, menores de 15 anos, que se casam com homens mais velhos e têm seus direitos à educação e futuro profissional recusados. Com o filme foi lançada uma discussão sobre as realidades diferentes de ser menina e adolescente em contextos diferentes, ao mesmo tempo foram trazidas às proximidades, quando refletiram sobre o abandono da escola de muitas meninas da cidade que engravidaram na adolescência. Vale destacar que ainda nos dois primeiros meses quando o grupo estava com trinta participantes, uma das participantes abandonou o processo, pois descobriu que estava grávida e deixou a escola semanas depois.

Foram feitas várias sessões de vídeos do Youtube e diálogos sobre os mesmos, tendo entre os principais assistidos os intitulados: “Djamila Ribeiro quebra a internet falando sobre lugar de fala | Tema da Semana | Saia Justa”⁵; “Curta! Livros | O que é lugar de fala?”⁶ e o vídeo da Performance “Bombril, Priscila Rezende em Performance no Memorial”⁷, no qual a performer lava e esfrega panelas ao ar livre com os próprios cabelos.

⁴ Esse e outros filmes de Nivaldo Vasconcelos podem ser vistos em: <https://nsvneto.wixsite.com/nivaldovasconcelos/assista>

⁵ Pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=AINEmjM4Ki4>

⁶ Pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=S7VQ03G2Lpw&t=2s>

⁷ Pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=tsfErSKpunc&t=4s>

Todos os vídeos assistidos traziam para a roda de conversa depoimentos pessoais de coisas vivenciadas por elas ou por pessoas próximas. Falavam das questões que muitas ainda enfrentavam e que no discurso das educandas do 9º ano encontravam inspiração e força para se entender e se empoderar da própria negritude. Ressalto que todas as questões eram discutidas entre elas e que nesse momento eu exercia um lugar de escuta e provocação para que se pronunciassem diante das coisas expostas.

SEGUNDA CENA – Construção do Texto Teatral.

Os discursos estavam afiados e eram tensionados a cada encontro, mas já era o mês de julho e aparentemente não tínhamos um espetáculo para apresentar. Era preciso transformar esse discurso em ação de construção de dramaturgias, era preciso encontrar a história que conduziria esse percurso.

A partir de então, comecei a propor exercícios de dramaturgia, privilegiando principalmente a oralidade e a corporeidade como forma principal de expressão dentro da nossa sala de ensaio.

Dentre os exercícios que mais trouxeram provocações e resultados para dentro do nosso processo e que desencadearam na construção do texto teatral, destaco os seguintes procedimentos em ordem de execução na sala de ensaio: “Partilha de Memórias através de fotos de familiares”; “A escuta e troca de histórias pessoais”; “Criação de partituras corporais”; “Uma história continuada” e “Recital”.

Na primeira semana foi solicitado que cada participante trouxesse para a sala de ensaio fotografias de familiares, em especial fotografias de suas avós. Elas deveriam apresentar o retrato ao grupo e contar memórias com suas avós. Se estivessem na fotografia deveriam contar a história que aconteceu naquele dia antes da foto e perceber a importância de reconhecer sua ancestralidade revelada nas fotografias familiares.

Na segunda semana era o momento de “Escuta e troca de histórias pessoais”. Como a temática definida era racismo e empoderamento e reconhecimento da própria negritude, elas deveriam em duplas, contar uma à outra um momento de sua vida em que sofreu racismo ou que entendeu a importância de se empoderar de sua negritude através de ações concretas, como por exemplo, ser antirracista, usar e defender o seu cabelo natural, valorizar e respeitar sua ancestralidade, dentre outras. Após ouvir a história uma da outra, elas deveriam trocar de histórias e contar na roda para todo mundo a história que ouviu em primeira pessoa, assumindo a narrativa da outra como sua.

Na terceira semana, era preciso não abandonar as histórias que foram ouvidas na semana anterior. Lembrando das histórias que ouviram deveriam voltar às suas duplas e criar partituras corporais que contassem aquela mesma história que ouviram da outra através de cinco movimentos. Os movimentos deveriam ser feitos repetidas vezes e apresentados ao grupo. O grupo por sua vez decidiria três movimentos dentre todos os que foram apresentados para fazerem juntas àqueles mesmos repetidas vezes. O corpo era agora instrumento para contar a história e era preciso que fosse dado a esse corpo a possibilidade de se expressar inteiramente, pois segundo Márcia STRAZZACAPPA (2001, p.69):

O indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos.

Através desses movimentos elas deveriam demonstrar na sala de ensaio que história queriam contar, como perceberam suas histórias, como respondem ao mundo através do movimento. Os três movimentos escolhidos foram:

Movimento 1 - “Diante do espelho”: Fazendo das mãos um espelho elas se olhavam e faziam expressões de não gostar do que viam;

Movimento 2 - “Puxar até alisar”: A mão que era espelho agora se torna uma chapinha de alisar cabelos e com ela puxam repetidas vezes o cabelo;

Movimento 3 – “Fazer arranhões nos braços”: A mão que foi espelho, que foi a chapinha de escovar o cabelo, agora é lâmina que faz feridas nos braços para aplacar a angústia e a dor que sentem.

Percebe-se que uma narrativa foi desenhada através das histórias que trouxeram e dos movimentos que escolheram. Vale ressaltar que foram histórias vivenciadas por elas.

Agora que tínhamos uma narrativa se desenhando era preciso oralizar essa história. É aí que na quarta semana entra o jogo “Uma história continuada”. Nesse elas deveriam contar coletivamente a história dessa menina negra que aprendeu a não gostar de si mesma, que alisou os cabelos para se enquadrar num padrão de beleza e que mesmo assim precisou se cortar para diminuir a sensação de tristeza que carregou dentro de si. No jogo elas deveriam contar essa história em terceira pessoa e criar uma ficção para aquilo que foi vivenciado por muitas delas. Seria uma menina, parecida com elas, com uma história próxima da delas, mas que era fruto de uma ficção criada

coletivamente a partir daquele momento. Sendo assim, durante muitas rodadas elas deveriam contar essa história, entender como começou, as coisas que aconteceram no caminho e que desfecho tiveram. Em roda com direito apenas a três palavras a cada vez que fosse seu momento, passariam a palavra para a companheira do lado que deveria continuar a história com mais três palavras e assim sucessivamente até chegar em um final que agradasse a todas.

Feito isso, coube a mim, que escutava cada palavra dita e registrava em bloco de notas, organizar dramaticamente o texto ditado por elas. Transformaria aquilo que trouxeram em uma narrativa para o teatro e apresentaria a elas na semana seguinte iniciando um processo de leituras intitulado de “Recital”, onde ouviriam em voz alta aquela história que saiu dali e apontariam coisas que sentiram falta ou que deveria ser retirado.

Na semana seguinte, o grupo começou a ler e dividir o texto, escrito em formato de narração de histórias em terceira pessoa. Todas eram narradoras- personagens.

TERCEIRA CENA – De volta ao corpo.

As leituras se intensificaram no mês de agosto, mas dessa vez era preciso trazer as partituras corporais construídas e ver em que momento do texto elas entrariam. Era momento também de decidir como aquele texto seria falado. Como estariam distribuídas no espaço, se estariam sentadas, se fariam em pé, se em algum momento se deitariam no chão, dentre outras questões.

É preciso destacar o grau de caotização dos encontros. Eu, como coordenador das ações, assumia mais uma postura de descoordenação, deixando as decisões a critério do grupo. Decidir a postura e movimentação de uma cena ou mesmo uma frase podia durar mais de uma hora ou mesmo a tarde inteira. No meu interior eu começava a aceitar que aquele processo não resultaria numa estreia, a situação parecia caminhar para isso.

Outras decisões entraram na roda, entre elas aceitar ou não um convite para a estreia na I Semana Literária de Porto de Pedras, tendo o espetáculo como parte da programação. O evento aconteceria um mês depois, na primeira semana de setembro. Daríamos conta de estreiar? O grupo aceitou o desafio. Passamos a nos encontrar duas vezes por semana. Agora começava a se pensar em figurino. Qual a visualidade dessas meninas? Começaram a trazer principalmente referências de cantoras de rap, assim, estaria definido como elas se vestiriam em cena com as próprias roupas que tinham em

casa ou que conseguiriam emprestadas com familiares e amigas.

A cenografia não foi aprofundada. Ficou definido que usariam o espaço limpo da sala. As pessoas se sentariam ao redor. Eu estaria acompanhando as cenas fazendo uma marcação rítmica de mudanças de movimentos com um tambor. A peça finalizaria com a personagem principal enfrentando o racismo sofrido, aceitando e se empoderando de sua negritude e todas dançariam uma música ao final. A coreografia final seria de uma montagem de pedaços da música “Valente” da MC Tha e da música “Pesadão” da cantora Iza. A coreografia seria uma construção coletiva, mas o tempo estava passando e se chegar em decisões estava cada vez mais difícil, foi aí que entrou um irmão de uma das educandas que vinha acompanhando nossos ensaios e ficou responsável por construir, organizar e tomar decisões coreográficas junto com elas.

Era preciso um cartaz para divulgar o espetáculo. Todos os grupos de teatro divulgam suas peças com cartazes. Não seria diferente conosco.

Marcamos duas sessões de fotos em dias extras. Ganhamos de presente do cineasta, designer e fotógrafo Nivaldo Vasconcelos a sessão de fotos e arte gráfica do cartaz. Houve uma mobilização para esses dias. Todas se ajudavam, se penteavam, se maquiavam. Nivaldo Vasconcelos fez um book pessoal para cada uma usar em suas redes sociais com as fotos com poses trazidas por elas, iguais as de influencers que seguiam na internet.

Permitir que elas dissessem como queriam ser vistas foi a forma que Nivaldo Vasconcelos encontrou para abraçar as questões que traziam da imagem que queriam passar em suas redes sociais. Logo após, foi a vez do fotógrafo sugerir movimentações e poses. Ele sugeria que soltassem os cabelos, que pensassem na história da peça e a partir daí começaram a surgir novas fotografias com expressões e poses longe dos modelos que estavam acostumadas a seguir e reproduzir.

Ao verem o resultado das fotos percebi em seus rostos expressões de surpresa e espanto, porque era uma forma diferente da que queriam mostrar. Ali nas fotos elas se percebiam como eram, pois ao longo das duas tardes de sessões de fotos, elas se deixaram ser vistas pelas lentes e entenderam aos poucos a força e beleza da imagem que carregam.

QUARTA CENA – Cortinas abertas.

O espetáculo intitulado “Menina Negra” narra a jornada de uma adolescente e seu percurso por entendimento de si mesma, do racismo estrutural ao seu redor e do fortalecimento de sua negritude. Teve duração de 15 minutos e foi apresentado para estudantes do Complexo Educacional Belmira Conceição Lins, na tarde do dia 05 de setembro de 2019, em sessão única na Biblioteca Aurélio Buarque de Holanda na cidade de Porto de Pedras.

Naquela tarde encerrava o nosso percurso de seis meses de encontros em sala de ensaio. Ao final da apresentação, havia em seus rostos a sensação de orgulho e felicidade que quem enfrenta um palco de artes cênicas sabe o que significa.

Não houve problematizações sobre a apresentação, não havia mais espaços para tensionar o que foi vivido ali. Naquele final de tarde, sentadas ao redor de uma mesa, comemos e celebramos. Eu sabia, embora não quisesse, que aquele momento representava o final de um período de muitas descobertas.

A partir de então, não nos encontramos mais, nem para conversar sobre o que aconteceu, nem para marcar outras apresentações. O dia a dia escolar foi tomando conta de suas vidas. Logo, em alguns poucos meses, as adolescentes do 9º ano estariam fora da escola em direção ao Ensino Médio, as menores voltaram para seus afazeres entre estudar e brincar com suas amigas e no ano seguinte (2020) estaríamos vivendo o começo da pandemia da Covid-19 que nos afastaria do chão da escola.

Nosso grupo viveu todo esse percurso para aquele momento único. Ficaram lembranças de um tempo tão próximo que ainda nem deu tempo de se processar por inteiro, dentro de mim pelo menos.

EPÍLOGO

*“Ficaremos mais bem fortes do que antes”
Iza e Marcelo Falcão na música Pesadão.*

A experiência com as meninas da Escola Padre Alípio e a construção do espetáculo “Menina Negra” me fizeram refletir sobre o potencial do uso de recursos autobiográficos como ferramenta da construção de um espetáculo de teatro na escola, porque mostrou ser um forte instrumento de valorização do pertencimento, de aberturas de diálogos e principalmente da valorização da própria história.

Ao propor na sala de ensaio que suas histórias viessem à tona, pude perceber que diversas narrativas apareceram e principalmente situações de suas vidas que não chegam ao conhecimento de seus pais ou mesmo da equipe escolar, como o fato da automutilação nos braços.

Praticar o processo colaborativo dentro da escola foi uma experiência de risco e ainda em entendimento de minha parte, mas me mostrou que mesmo causando um espaço aparentemente caótico durante os ensaios, foi uma forma necessária e importante para despertar e incentivar a autonomia nas tomadas de decisões, na horizontalização da construção e uma forma de fazer com que todas as vozes fossem ouvidas.

Estimular que o processo do espetáculo fosse descoberto e construído por todas foi uma forma de obter desdobramentos diversos e fazer com que se apropriassem da construção.

Ao estarem em cena, durante os quinze minutos, elas sabiam do que estavam falando, porque foram suas palavras e histórias de vidas que estavam ali transformadas em teatro e o processo colaborativo fortalece essa experiência de pertencimento, porque todas as decisões do que entrava ou saía da cena passaram por elas.

O caminho percorrido apresenta fragilidades de minha parte como docente por se tratar de um processo em que as soluções foram sendo encontradas no dia a dia na sala de ensaio, tendo a vontade e a curiosidade do fazer muito mais evidenciada do que o pensar e aprofundar teoricamente a minha didática, fatos estes que agora me proporcionam um maior aprendizado e reflexão.

No entanto, graças a essa jornada de seis meses, pude perceber como o teatro pode ser um instrumento que possibilita encontros, como o processo colaborativo é uma forma que valoriza cada pessoa envolvida e como as autobiografias são partes que precisam ser ouvidas e mais investigadas dentro do espaço escolar como ferramenta de construção cênica e pertencimento, principalmente.

Pude ao longo dessa jornada perceber como a presença do teatro na escola pode contribuir com a formação das educandas e com a minha de artista/docente, pois como nos lembra FREIRE (1996, p. 25):

Não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender.

O encontro com elas me ensina e me impulsiona a entender como ser melhor nas próximas práticas e como aprofundar cada vez mais o uso do autobiográfico e do processo colaborativo como metodologias de criação cênica no ambiente escolar.

O espetáculo “Menina Negra” foi fruto do encontro das histórias de todas elas e de suas ancestrais. É um ensaio para mim e para elas das potencialidades que o teatro com suas autobiografias e o processo colaborativo podem trazer para a vida dentro da escola.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. Ed. Paz e Terra. 1996. 27ª edição, 2003.

Marques, I. **O artista/docente: ou o que a arte pode aprender com a educação (3).** OuvirOUver, 10(2), 230-239. <https://doi.org/10.14393/OUV14-v10n2a2014-4>

NICOLETE, Adélia Maria. **Da cena ao texto: dramaturgia em processo colaborativo.** São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes. USP.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: A dança na Escola.** Cadernos CEDES. Centro de Estudos Educação e Sociedade, v. 21, n. 53, p. 69-83, 2001.